



AFROCIENTISTA, POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PARCERIA ABPN, GEPPHERG/UnB, NEAB/UnB E IFB, DISTRITO FEDERAL

Renísia Cristina Garcia Filice¹
Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

Marina de Ávila Noronha²
Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

Diene Ellen Tavares Silva³
Instituto Federal de Brasília (IFB) – Campus Brasília e Universidade de Brasília
(UnB), Brasília,
DF, Brasil.

Guilherme Oliveira Lemos⁴
Instituto Federal de Brasília (IFB) – Campus Planaltina e Universidade de Brasília
(UnB), Brasília,
DF, Brasil.

¹ Profa. Associada da Universidade de Brasília. Líder do Geppherg – Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (UnB). Vice-Coordenadora da Área de Políticas Afirmativas da Abpn – Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Coordenadora do Afrocientista. E-mail: renisiagarcia@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4595-9744

² Graduada em Sociologia, pela Universidade de Brasília. Membro do Geppherg - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (UnB). Monitora do Afrocientista, desde 2019. Atua em Direitos Humanos, Educação das Relações Raciais e de Gênero. E-mail: marina.a.noronha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3250-1132>

³ Professora do Instituto Federal de Brasília (IFB) - campus Brasília. Doutoranda em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2007). Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (2010). Graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2004). E-mail: 3896149@etfbsb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9222-5249>

⁴ Professor efetivo do Instituto Federal de Brasília (2019). Possui graduação (2012), mestrado (2016) e doutorado (2022) em História pela Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB). Em 2017 integrou o grupo de pesquisadores/as do Núcleo dos Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UnB) e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero - Geppherg, da Faculdade de Educação, UnB. E-mail: guilhermeolemos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2384-4567>



Resumo: O Projeto Afrocientista foi idealizado pela Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os/es (Abpn), no ano de 2018, e contou com a parceria do Consórcio de Neabis - Núcleo de Estudos e Afro-Brasileiros e Indígenas, e Grupos Correlatos, vinculados à Abpn, distribuídos pelos diferentes estados brasileiros e DF, e do Instituto Unibanco. Em Brasília-DF, a parceria entre o GEPPHERG - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero do CNPq, sediado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - FE/UnB, que coordenou as atividades junto ao Centro de Ensino da Asa Norte (Cean), ligado à Secretaria de Estado e Educação do DF(SEEDF), e ao Instituto Federal de Brasília (IFB), vinculado ao Ministério da Educação. O projeto Afrocientista, tem como objetivo fomentar a iniciação científica e o fortalecimento da identidade negra, potencializar o sentimento de pertencimento racial e cidadania em jovens negras/os em situação de vulnerabilidade social, de forma a aumentar sua autoestima, consciência racial e ao mesmo tempo, atuar na redução da evasão escolar. Como referencial teórico-metodológico optou-se por abordagens decoloniais e contra-coloniais, e o uso da ferramenta da interseccionalidade em gênero, raça e classe como eixo, em todas as atividades realizadas. Como resultado das três edições (2019, 2021, 2022) do Afrocientista, o Geppherg registra que a receptividade, acolhimento dos/as estudantes às propostas, fortalecimento do pertencimento étnico-racial negro, e os desdobramentos em termos de aprovação em processos seletivos para o ensino superior, seja na UnB ou em cursos do IFB, superam as expectativas. Por fim, fica clara a necessidade de manutenção e ampliação do projeto Afrocientista, e seu potencial para materializar marco legais da luta antirracista brasileira, como o Estatuto da Igualdade Racial, a lei 10.639/2003, voltada para o Ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira em toda a educação básica. E também, amplia a participação consciente na política cotas raciais, lei 12.711/2012.⁵

Palavras-Chave: Educação Antirracista; Afrocientista; Geppherg/Universidade de Brasília; Instituto Federal de Brasília; Políticas Públicas.

**AFROSCIENTIST, FOR AN ANTI-RACIST EDUCATION: ABPN,
GEPPHERG/UNB AND IFB PARTNERSHIP, FEDERAL DISTRICT**

Abstract: The Afroscientist Project was conceived by the Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os/es (Abpn), in 2018, and had the partnership of the Neabis Consortium - Nucleus of Afro-Brazilian and Indigenous Studies, and Related Groups, linked to Abpn, distributed across different Brazilian states and the Federal District, and Instituto Unibanco. In Brasília-DF, the partnership took place with GEPPHERG - Group of Studies and Research in Public Policies, History, Education of Racial Relations and Gender of Cnpq, headquartered at the Faculty of Education of the University of Brasília - FE/UnB, which coordinated the activities with the Centro de Ensino da Asa Norte (Cean), linked to the Federal District's Secretary of State and Education (SEEDF), and the Federal Institute of Brasília (IFB), linked to the Ministry of Education. The Afroscientist project aims to promote scientific initiation, strengthen black identity,

⁵ Registramos nosso agradecimento pela participação das professoras Sandra Soares da Costa (Cean) e Diene Ellen Tavares Silva (IFB – Campus Brasília) e do professor Guilherme Oliveira Lemos (IFB – Campus Planaltina). Os registros referentes aos campi do IFB, são compilados dos relatórios e da participação ativa das autoras, na coordenação e realização de parte das atividades.

enhance the feeling of racial belonging and citizenship in young black women in situations of social vulnerability, in order to increase their self-esteem, racial awareness and at the same time, to act in the reduction of school evasion. As a theoretical-methodological reference, decolonial and counter-colonial approaches were chosen, and the use of the intersectionality tool in gender, race and class as an axis, in all the activities carried out. As a result of the three coordinated editions (2019, 2021, 2022) of the Afrocientista, Geppherg registers that the receptivity, acceptance of students to the proposals, strengthening of black ethnic-racial belonging, and, the consequences in terms of approval in selection processes for higher education, either at UnB or in IFB courses, exceed expectations. Finally, the need to maintain and expand the Afroscientist project is clear, and its potential to materialize legal frameworks for the Brazilian anti-racist struggle, such as the Statute of Racial Equality and Law 10.639/2003. And also, expanding the conscious participation in the racial quotas policy, law 12.711/2012.

Keywords: Anti-racist Education; Afroscientist; Geppherg/University of Brasilia; Federal Institute of Brasilia; Public policy.

AFROCIENTISTA, POR UNA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA: COLABORACIÓN ABPN, GEPPHERG/UNB E IFB, DISTRITO FEDERAL

Resumen: El Proyecto Afrocientífico fue concebido por la Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os/es (Abpn), en 2018, y contó con la colaboración del Consorcio Neabis - Núcleo de Estudos Afrobrasileños e Indígenas y Grupos Afines, vinculado a la Abpn, distribuidos en diferentes estados brasileños y el Distrito Federal, y el Instituto Unibanco. En Brasília-DF, la alianza se realizó con GEPPHERG - Grupo de Estudos e Investigações em Políticas Públicas, História, Educação de Relações Raciales y Género de la Cnpq, con sede en la Facultad de Educación de la Universidad de Brasília - FE/UnB, que coordinó las actividades con el Centro de Ensino da Asa Norte (Cean), vinculado a la Secretaría de Estado y de Educación del Distrito Federal (SEEDF), y el Instituto Federal de Brasília (IFB), vinculado al Ministerio de Educación. El proyecto Afrocientífico tiene como objetivo promover la iniciación científica, fortalecer la identidad negra, potenciar el sentimiento de pertenencia racial y ciudadanía en mujeres jóvenes negras en situación de vulnerabilidad social, con el fin de aumentar su autoestima, conciencia racial y al mismo tiempo, para actuar en la reducción de la evasión escolar. Como referente teórico-metodológico se optó por los enfoques decoloniales y contracoloniales, y el uso de la herramienta de la interseccionalidad en género, raza y clase como eje, en todas las actividades realizadas. Como resultado de las tres ediciones coordinadas (2019, 2021, 2022) del Afrocientista, Geppherg registra que la receptividad, aceptación de los estudiantes a las propuestas, fortalecimiento de la pertenencia étnico-racial negra, y, las consecuencias en términos de aprobación en la selección los procesos para la educación superior, ya sea en la UnB o en los cursos del IFB, superan las expectativas. Finalmente, es clara la necesidad de mantener y expandir el proyecto afrocientífico y su potencial para materializar marcos legales para la lucha antirracista brasileña, como el Estatuto de Igualdad Racial y la Ley 10.639/2003. Y también, ampliando la participación consciente en la política de cuotas raciales, ley 12.711/2012.

Palabras-clave: Educación Antirracista; afrocientífico; Geppherg/Universidad de Brasília; Instituto Federal de Brasília; Políticas públicas.

AFROCIENTISTE, POUR UNE ÉDUCATION ANTIRACISTE: PARTENARIAT ABPN, GEPHPEG/UNB ET IFB, DISTRITO FEDERAL

Résumé: Le projet Afrocientific a été conçu par l'Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os/es (Abpn), en 2018, et a compté avec la collaboration du Consorcio Neabis - Núcleo de Estudos Afrobrasileños e Indígenas e Grupos Afines, lié à l'Abpn, distribués dans différents États brésiliens et le District fédéral, et l'Institut Unibanco. À Brasília-DF, l'alliance a été conclue avec le GEPHPEG - Grupo de Estudos e Investigações em Políticas Públicas, História, Educação de Relações Raciais e Gênero do Cnpq, basé à la Facultad de Educación de la Universidad de Brasília - FE/UnB, qui a coordonné les activités avec le Centro de Ensino da Asa Norte (Cean), lié au Secrétariat d'État et à l'Éducation du District Fédéral (SEEDF), et l'Institut Fédéral de Brasília (IFB), lié au Ministère de l'Éducation. Le projet Afrocientific vise à promouvoir l'initiation scientifique, renforcer l'identité noire, renforcer le sentiment d'appartenance raciale et de citoyenneté chez les jeunes femmes noires en situation de vulnérabilité sociale, dans le but d'accroître leur estime de soi, leur conscience raciale et en même temps, de agir dans la réduction de l'évasion scolaire. Comme référence théorique et méthodologique, les approches décoloniales et contrecoloniales ont été choisies, et l'utilisation de l'outil d'intersectionnalité dans le genre, la race et la classe comme eje, dans toutes les activités menées. À la suite des trois éditions coordonnées (2019, 2021, 2022) d'Afrocientista, Geppherg enregistre que la réceptivité, l'acceptation des étudiants aux propositions, le renforcement de l'appartenance ethnico-raciale noire, et, les conséquences en termes d'approbation dans la sélection des processus pour l'enseignement supérieur, que ce soit à l'UnB ou dans les cursus à l'IFB, ont dépassé les attentes. Enfin, la nécessité de maintenir et d'étendre le projet afro-scientifique et son potentiel à matérialiser les cadres juridiques de la lutte antiraciste brésilienne, tels que le Statut de l'égalité raciale et la loi 10.639/2003, est clair. Et aussi, élargir la participation consciente à la politique des quotas raciaux, loi 12 711/2012.

Mots-clés: Éducation antiraciste ; Afroscientifique ; Geppherg/Université de Brasília ; Institut Fédéral de Brasília ; Politique publique.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem a pretensão de registrar brevemente as experiências do Afrocientista⁶ (Afro) no Distrito Federal (DF), a partir de um convite da Abpn ao Geppherg – FE/UnB, e o contato desse, com o Cean – Centro de Ensino Médio da Asa Norte (2019) e o IFB – Campus Brasília (2019), primeira edição; com o IFB – Campus Brasília, em 2021, segunda edição; e com o IFB – Campus Planaltina (2022), terceira edição. Embora não seja seu objetivo central é preciso informar que os conteúdos ministrados no Afro estão alinhados com o cumprimento da lei 10.639/2003 que altera o

⁶ Afro- abreviação de Afrocientista.

artigo 26-A da LDB 9394/96, e ordena o ensino de História da África, Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todo o sistema básico de Ensino; e além de auxiliar na implementação desses conteúdos, ainda uniu/une UnB à Seedf e à Setec, por meio do Cean e IFB, e possibilita que a UnB cumpra sua missão de formação para as relações raciais, os direitos humanos que a UnB cumpra sua missão de formação para as relações raciais, os direitos humanos e cidadania, no DF, por meio de uma educação antirracista e antissexista (Garcia; Carnaúba, 2019, s.p.). O Geppherg/FE tem buscado criar e fortalecer propostas que tendem a “(...) realizar práticas inovadoras que possibilitem aos/as alunos/as negros/as o fortalecimento de sua auto-estima pelo reconhecimento do seu papel enquanto sujeitos históricos e da importância da matriz africana na formação da nação brasileira, e na identidade de cada um de nós” (Garcia-Filice; Paz, 2016, p. 105). Com isso, escolas da Educação básica colocam em prática, ações e uma gestão antirracista, atualizada e inovadora. Tanto que, em 2022, o IFB-Campus Brasília, devido a parceria com o Geppherg-UnB, foi um dos vencedores do I Prêmio Estratégia de Equidade no Enfrentamento à Evasão Escolar produzido pela Geledés - Instituto da Mulher Negra, na categoria Gestão Escolar⁷.

Por meio da educação antirracista e abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores, vários outros marcos legais também são, indiretamente, atendidos dentre eles o Estatuto da Igualdade Racial, Lei Federal nº 12.288, de 2010, que em seu art. 3º, deixa expresso a necessidade do compromisso com a população negra e com as normas constitucionais vigentes,

“relativas aos princípios fundamentais, aos direitos e garantias fundamentais e aos direitos sociais, econômicos e culturais, [que] o Estatuto da Igualdade Racial adota como diretriz política-jurídica [com] a inclusão das vítimas de desigualdade étnico-racial [e] a valorização da igualdade étnica”. (Brasil, 2010, s.p)

O Afrocientista também fortalece a Lei Federal nº 12.711, de 2012 (Brasil, 2012, s.p.), voltada para a reserva de vagas para alunas/os advindas/os de escolas públicas, com uma porcentagem mínima de 20% para estudantes negros/as e indígenas, quando explica aspectos históricos que se conecta à necessidade de políticas de ações afirmativas, como um direito à educação. O Afrocientista potencializa as ações afirmativas da UnB ao divulgá-la no Ensino Médio, e quando compartilha conteúdos com abordagens

⁷ Acesso <https://www.ifb.edu.br/brasil/31461-projeto-afrocientista-e-premiado-pelo-instituto-geledes>. Dia 03/12/2022.

antirracistas, e cria oportunidades para pós-graduandas/os cotistas, mestres e doutores/as, alguns são também professoras/es da SEEDF e do IFB⁸.

O intercâmbio entre afrocientistas da Educação Básica (Cean e IFB) e pesquisadores/as do Ensino Superior (Geppherg-UnB), também atende ao Plano Nacional de Educação (PNE). Aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 2014 (Brasil, 2014, s.p.), o PNE estabelece o compromisso de elevar gradualmente o número de matrículas na graduação e pós-graduação *stricto sensu*, que entendemos não ser o bastante. A UnB avança e contribui com debates sobre a permanência, e atende ao PNE ao “implementar ações para reduzir as desigualdades étnico-raciais regionais [DF] e favorecer as trocas, o acesso das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas a programas de mestrado e doutorado”.⁹ O Afro, via Geppherg, possibilita que esses profissionais/acadêmicos/as invistam na sua permanência com qualidade, e na ponta, ainda atuem na ampliação da cidadania da juventude negra do Ensino Médio.

Feito esse arrazoado, informamos que esse artigo está dividido em três seções além da Introdução e Conclusão: I. Sobre o Afrocientista no DF: Geppherg – UnB, Cean e IFB; II. Panorama das Ações Desenvolvidas nas três edições do Afrocientista - DF; III. Resultados Obtidos: Para Além Das Expectativas.

I. SOBRE O AFROCIENTISTA NO DF: GEPHERG – UNB, CEAN E IFB

Em 2019, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero (GEPHERG) da Universidade de Brasília (UnB), convidado pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), juntamente com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), com os/as estudantes do Centro Educacional Asa Norte (Cean) e o Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Brasília, iniciaram a primeira edição do Projeto.

O projeto AFROCIENTISTA idealizado pela Abpn e adaptado pelo Geppherg, na

⁸ O professor coordenador da edição Afrocientista em 2022 é egresso do doutorado do Curso de História da UnB, e atual professor concursado no IFB – Campus Planaltina; e a professora Diene Tavares, é doutoranda do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos da UnB, sob a orientação da profa. Renísia C. Garcia Filice, ambo são investigador/a cadastrados no Geppherg, grupo do Cnpq.

⁹ Parte do levantamento do marco legal sobre as cotas feita com estudantes da pós-graduação da UnB, referencio todos/as em nome de Gianmarco L. Ferreira e Jaconilson de Araújo Vieira.

escuta às escolas parceiras, buscou desde o início, em suas atividades, transformar a sala de aula em espaços de oficinas de saberes, dialogar com os conhecimentos prévios dos estudantes, potencializar conhecimentos em suas interfaces com a produção científica. Alinhado com os princípios da Abpn (2018) e dele próprio, o Geppherg buscou criar e fomentar práticas que se inspirassem na cosmogonia afro-brasileira e africana, em todas as áreas de conhecimento e disciplinas escolares, para contribuir na formação de cidadãos/ãos críticos e conscientes do seu potencial de modificar o mundo ao seu redor.

Inicialmente, o projeto incentivou cientificamente 100 (cem) jovens negros e negras em todo o Brasil, através de 08 (oito) NEABs, NEABIs e grupos correlatos, dentre eles o Geppherg-FE/UnB. Hoje esse número ampliou para 12 (doze). O foco central têm sido a redução a evasão por meio do reforço da autoestima e consciência racial, cidadã.

Consta no Relatório Final referente à oferta de 2021 que uma das estudantes da Educação Básica, registrou o impacto do projeto na sua autoestima e dos colegas, quanto a aspectos físicos e intelectual: descreve que “acompanhar as pesquisas dos estudantes têm sido algo importante. O sentimento de coletividade e união também foi um ponto de destaque” (ABPN, 2022, s.p.). De fato, notamos um sentimento de irmandade que vai, ao longo do tempo sendo fortalecido pelos laços de significados que une estudantes, oficinairos/as e professores/as, responsáveis na escola e da coordenação. O racismo que oprime, ao ser desconstruído, passa a ser a liga que nos aproxima: ocorre uma inversão, a positividade da negritude.

Nesses três anos – 2019, 2021, 2022 -, foram realizadas várias atividades semanais, – rodas de conversa, apresentação de vídeos, filmes, músicas, textos e discussões, saídas de campo, que possibilitaram a formação das/os estudantes negras/os participantes no projeto. Diversos foram os espaços de reflexões acerca de suas vidas em relação (ou não) com o racismo, sexismo, mercado de trabalho, área acadêmicas, pesquisa afrocentradas e perspectivas para o futuro. Dessa maneira, entende-se que houve/há o incentivo a inovações e talentos, por meio da mobilização sobre a consciência racial e social, destacando a importância da produção do conhecimento científico referenciado.

Para uma melhor compreensão, registraremos, brevemente, algumas dessas ações.

II. PANORAMA DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS NAS TRÊS EDIÇÕES DO AFROCIENTISTAS- DF.

As atividades da **1ª Edição do Afrocientista**, ocorrida em 2019, foram presenciais e contou com a participação de 12 jovens, sendo 6 de cada instituição, das duas escolas parceiras: o Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN) - alunos do Ensino Médio científico, e o IFB- Campus Brasília, cuja turma era majoritária de alunas do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eventos e alunos do Curso Técnico Integrado de Informática.

Tendo sido uma atividade presencial, muitos dos encontros se davam nas próprias escolas, e no espaço da UnB

Figura 1: Turma 1ª Edição – Cean – Local: Laboratório de Informática – FE/UnB(Arquivo Pessoal Renísia)

Fonte: Acervo próprio, 2019.



Figura 2: Turma 1ª Edição – Cean. Local: Maloca – Centro de Convivência Estudantes Indígenas/UnB (Arquivo Pessoal Renísia).



Fonte: Acervo próprio, 2019

Figura 3: Turma 1ª Edição – IFB. Local: Laboratório de Informática IFB (Arquivo Pessoal Renísia).



Fonte: Acervo próprio, 2019

Foram experiências riquíssimas, e que mostraram o quanto as atividades presenciais são mais enriquecedoras que as aulas online, como foi necessário em 2021, em função da pandemia do Covid 19. Não obstante, como veremos, criamos algumas oportunidades híbridas, presenciais e online. A orientação básica em todas as edições era

que fossem jovens negros/as, preferencialmente, em situação de vulnerabilidade, ou lideranças que pudessem em outras edições, replicar os conhecimentos construídos no Afrocientista. As duas turmas se encontravam uma vez por semana, e em dias e horários separados. Não foi possível conciliar a carga horária das duas escolas, e unir as turmas.

Um dos elementos centrais desde o início desse projeto e que o torna altamente adaptável e flexível, é que o Plano de Trabalho é uma proposta preliminar, que vai sendo modificada quantas vezes o grupo, consensualmente, julgar necessário. A partir de sugestões e situações adversas, como a falta de um/uma convidado/a substituído/a sem demora, devido o quadro que temos de pós-graduandos/as pesquisadores/as do Geppherg e do Neab-UnB, com grande domínio da temática racial nas mais diversas abordagens – feminismo negro, quilombos, políticas afirmativas, cinema negro e outros tantos; como por algum interesse manifesto pelos/as jovens afrocientistas. Informam e o grupo decide o caminho a ser realinhado.

Os temas discutidos nesta 1ª edição, foram: Protagonismo de jovens negras/os; Tecnologias, História, fatos e fakes. As estudantes pesquisaram e assistiram previamente vídeos do Youtuber Ph Côrtez, e sugeriram o nome da yotuber Natalie Nery, e inseriram a temática do colorismo como importante para o debate. Nesse caso, a coordenação convidou uma especialista – doutoranda do Curso de Pós Graduação em Política Social, para aprofundar o tema (Profa. Marjorie Nogueira Chaves)¹⁰, também membra do Geppherg/UnB.

Houve também a apresentação da obra do rapper Djonga, proposta e apresentada por uma estudante. Refletimos sobre a mensagem e distorções de interpretações, e o compromisso do artista com a luta antirracista no Brasil, mas como ele foi atacado pela grande mídia em função da sua música “

Olho de Tigre”, e a frase vista como violenta “Fogo nos racistas”.

Outra atividade com muito envolvimento foi o debate sobre Cientistas negras, a partir do filme “Estrelas Além do Tempo¹¹”. Discutiu-se acerca do papel das mulheres negras na ciência, nos EUA e no Brasil. Problematicou-se histórias não contadas nos

¹⁰ Ativista feminista negra e educadora popular em saúde. É doutoranda em Política Social e mestra em História pela Universidade de Brasília (UnB) e Especialista em Educação Popular em Saúde pela Escola de Governo Fiocruz (EGF-Brasília). É coordenadora do Observatório da Saúde da População Negra, vinculado ao Núcleo de Estudos de Saúde Pública (Nesp/Ceam-UnB) e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Ceam-UnB).

¹¹ Direção: Theodore Melfi. Ano 2017

livros. Conceitos como “dororidade”, “branquitude” e “localização social” foram trabalhados a partir da seguinte provocação: Existem lugares reservados para negras(os)? As análises sempre assumiam um olhar interseccional, congregando gênero, raça e classe (Filice e Carnaúba, 2019).

Finalizando comentários da 1ª Edição, a atividade final sobre o que seja ser um Afrocientista, contou com entrevistas sobre a trajetória de docentes/cientistas negros/as. Entrevistaram docentes do Neab - Universidade de Brasília, intelectuais escolhidos/as pela turma.

Por fim, essas e outras ações foram incorporadas nas apresentações em eventos acadêmicos que foram realizadas na Universidade de Brasília e no IFB. Ao final da 1ª edição participaram da Semana Universitária, da UnB, e no Conecta IF, do IFB. Na **2ª Edição de 2020 do Afrocientista**, a pandemia foi o fator inesperado que exigiu a adaptação do Plano, que de presencial passou a remoto, e, na atualidade, híbrido (2022). Consta no Relatório de Avaliação da ABPN, a seguinte informação sobre a 2ª Edição:

O projeto Afrocientista em 2021 passou por diversas mudanças e enfrentou desafios significativos como, por exemplo, a pandemia. Mesmo diante do cenário, foi possível alcançar o objetivo do projeto: "despertar a vocação científica e incentivar talentos entre estudantes negros e negras matriculados em escolas de ensino médio. " Para confirmação desta afirmativa, seguem os principais dados referente à segunda edição do Afrocientista. (ABPN, 2022, s.p.).

Na 2ª edição de 2021, o projeto Afrocientista teve como objetivo geral incentivar a participação de estudantes do IFB, Ensino Médio – nível Técnico, junto a grupos de pesquisa como o Geppherg-FE/UnB, favorecendo uma aprendizagem por meio da investigação e produção acadêmica - a nível de iniciação científica. Diante do novo contexto de pandemia, pela Covid-19, as atividades foram realizadas de forma remota, com a mesma periodicidade dos encontros no presencial.

Para o ensino remoto foi necessário ter acesso às ferramentas de interação virtual, como notebook, celulares, tablets para acesso às plataformas Teams, Meet e YouTube. Para as atividades síncronas, utilizamos sala do Google Meet. As atividades realizadas com os/as estudantes permitiram transformar a sala virtual, em um espaço de oficinas de saberes com perfis variados de cientistas negros/os convidadas/os. Uma das oficinas desenvolvidas foi sobre: Racismo, tecnologia e algoritmos. Refletimos sobre a privacidade como direito humano universal, como os algoritmos podem ser racistas e sobre a pseudo neutralidade das novas tecnologias, e como convertê-la favoravelmente à

luta antirracista. A convidada, Raíla Melo¹², trouxe o debate com o protagonismo da população negra em geral, e dos jovens negros em relação a história, aos fatos e fakes e na(s) tecnologia(s), sobre algoritmos e diáspora digital.

Houve o reconhecimento e potencialização de conhecimentos prévios das/os Afrocientista em suas interfaces com a produção científica. As atividades tiveram o intuito de criar e fomentar práticas que continuassem a se inspirar na cosmogonia afro-brasileira e africana, em todas as áreas de conhecimento e disciplinas escolares. O foco na história do povo negro, para além de problematizar concepções e vivências de subalternização relatadas, expor e curar – de forma coletiva; cicatrizes que ainda hoje estão abertas, causadas pelo racismo estrutural, institucional e individual, foi outro desafio, potencializado por ser online.

O recado foi fazer uma catarse e perceberem que tais experiências não se circunscrevem, nem dimensionam a grandiosidade da história do povo negro no Brasil. Todas as reconfigurações foram desafios sanados ao longo do processo.

Na figura 4, consta os 12 (doze) Neabis e grupos correlatos, de Universidades de todas as regiões do país selecionadas, com as respectivas escolas da Educação Básica, em que atuaram, a saber:

Figura 4: Neabis e Grupos Correlatos – 2ª Edição Afrocientista (2021)

¹² Doutoranda em Direitos Humanos pelo Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (PPGDH/UnB), mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação do Centro de Estudos Comparados sobre as Américas (ELA/CEPPAC), na Universidade de Brasília. Orientanda da profa Renísia C. Garcia Filice, no PPGDH.



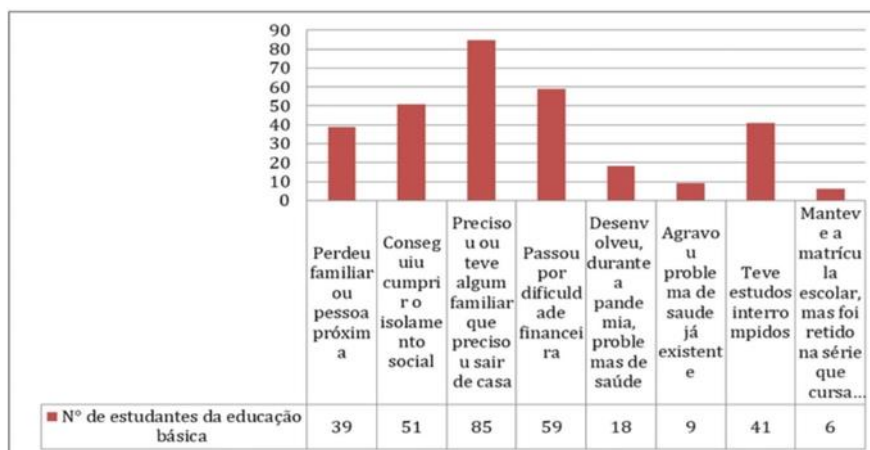
ESCOLAS

NEAB(is)	Instituição	Sigla	Nome da escola
NEABI - UFAC	Universidade Federal do Acre	AC1	Escola Estadual Escola Henrique Lima (N).
		AC2	Escola Estadual Colégio Acreano (N)
NEABI – Campus Araguaína	Instituto Federal do Tocantins	TO	Instituto Federal do Tocantins (N)
GERA - Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais	Universidade Federal do Pará	PA1	Escola Estadual de Ensino Médio Magalhães Barata (A).
		PA2	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso - Campus Pontes e Lacerda (N)
NEAB/UNIFAP - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro	Universidade Federal do Amapá	AP	Escola Estadual Sebastiana Lenir de Almeida; (N).
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Instituto Federal do Amazonas	AM	Instituto Federal do Amazonas (N)
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro	Universidade Federal do Maranhão	MA	Centro de Ensino Professor Luiz Alves (A)
NEAB/UPPB - Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas	Universidade Federal da Paraíba	PB	ECIT Daura Santiago Rangel (A)
GEPHERG - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas	Universidade de Brasília	DF	Instituto Federal de Brasília (A)
CIATA-Laboratório de pesquisas em educação química e inclusão LPEQI	Universidade Federal de Goiás	GO	Colégio Estadual Solon Amaral (A)
YALODE-GEPLAFRO/CHPQ-UFU	Universidade Federal de Uberlândia – Campus Uberlândia	MG1	Escola Estadual do Parque São Jorge (A)
NEAB/CEFET-MG	CEFET/MG – Campus Belo Horizonte e Campus Curvelo	MG2	Escola Estadual Interventor Alcides Lins (N).
		MG3	Escola Estadual Irmã Clarentina (N).
		MG4	Escola Estadual Geraldo Jardim Linhares (N)
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Federal de Uberlândia Campus Pontal	MG5	Escola Estadual Israel Pinheiro (A).
		MG6	Escola Estadual Antônio de Souza Martins (A)
		MG7	Instituto Federal do Triângulo Mineiro (N)

Fonte: ABPN, 2022.

Conforme registrado, a pandemia teve um impacto na vida dos estudantes e também no desenrolar do projeto, nacionalmente, e no DF, como mostra a Figura 5.

Figura 5: Impactos da pandemia na vida dos Afrocientistas – 2ª Edição (2021)



Fonte: ABPN, 2022

De um total de 112 (cento e doze) bolsistas da Educação Básica em 2021, nota-se que mais de 75% foram, em alguma medida, afetados pela Covid. Destaca-se que cerca de 40% teve impacto direto na sua formação. Essa realidade atingiu também o IFB – Campus Brasília, lócus de atuação do Geppherg.

Consta no Relatório final da Abpn sobre esta 2ª edição do Afrocientista (ABPN, 2021,s.p.), que entre os nove estudantes vinculados a este grupo do IFB-Brasília, a renda familiar média é de R\$ 3.137,33, menor que a média salarial em Brasília (5,3 salários mínimos) (ABPN, 2022,s.p.).

Ainda sobre as formas de subsistência das/os mesmas/os, consta:

A principal fonte de renda é proveniente da figura paterna (5), também pela figura materna (3) e avós. As principais profissões citadas foram trabalhadoras domésticas, prestação de serviços como zeladores e mecânicos, também professora e um responsável que atuava como servidor público. As maiores rendas estavam vinculadas ao serviço público e ao recebimento de pensão. (ABPN,2022,s.p.).

Ou seja, trata-se de um perfil que sofreu, diretamente, os impactos econômicos da Covid 19.

Quanto a sua organização familiar, informa-se que os estudantes residiam em grupos familiares entre 3 e 5 pessoas. A maioria (6) reside com pai e mãe; seguidos por residência apenas com mãe (1), pai (1) e avós (1). Quanto às moradias, quatro (4) estudantes residem em casa própria, três (3) em moradia cedida e dois (2) em casa alugada. (ABPN,2022,s.p.).

Além desse cenário, tivemos um ano atípico e foi preciso nos adequarmos à pandemia, no DF. De início, houve muita dificuldade em colher as assinaturas e

preenchimento dos formulários pelos jovens e seus pais e mães. Outra dificuldade foi o deslocamento para abertura de contas na Caixa Econômica Federal, para recebimento das bolsas.

No decorrer, as atividades foram se ajustando. Os formulários de avaliação e relatórios de monitoramento por parte da coordenação geral da ABPN passaram a ser só online.

Pedagogicamente, também mudamos. A orientação inicial era para elaboração de Planos de Trabalhos individuais, a partir da orientação coletiva e do Plano proposto pela Coordenação e acordado com a turma, o que foi substituído pela prática que chamamos “Diário de Bordo”. Pequenos registros individuais das atividades semanais ocorridas, e das impressões sobre os temas trabalhados. Esse material seria, ao final, incorporado ao Relatório Individual produzido por cada um, e serviria de subsídio para responderem a questão final que “fecha” todos os Afrocientistas: O que é ser um Afrocientista?

Foram incluídas várias rodas de conversa, inclusive com dois Afrocientistas da 1ª Edição, que se tornaram alunos da Universidade de Brasília, da Educação Física e da Agronomia. A presença da professora, mestre e doutoranda em química pela UFG, ex-gestora do projeto Afrocientista, também os inseriu num outro universo e campo de atuação, ocupado por pessoas negras e que centram pesquisas em suas áreas, sem esquecerem o debate racial.

A apresentação do site da ABPN e suas 12 (doze) áreas, com mais de 4.000 inscritos e uma variedade imensa de artigos e projetos sobre a temática racial, ajudou a reforçar a autoestima, ampliar expectativas, e apresentou-se vários temas que os estudantes nunca pensaram ser possível ou imaginaram ter a participação negra, muito menos pensar aspectos voltados para a Saúde da População Negra, História da África sobre outras perspectivas, Feminismos Negros, Políticas Afirmativas, temas que estão em voga no Brasil, mas que não há por parte da historiografia e estudos sobre sociedade, o interesse em pontuar a contribuição negra, como forma de ajudar a minar o racismo estrutural. Todas essas complexas conexões foram feitas, e complementadas com as falas de pesquisadoras negras.

Temas como algoritmos e racismo foram algumas das pautas levantadas novamente, e por uma das Afrocientistas que hoje é aluna do curso de Computação da UnB, 2022, e atua como voluntária na elaboração do site do Geppherg, mas que incluímos uma bolsa paga com a bancada, nesta edição.

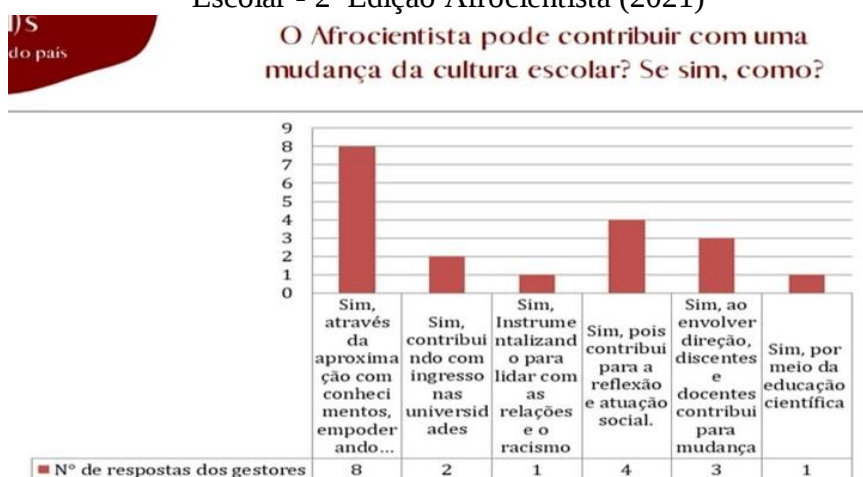
A pesquisadora convidada, doutoranda Raíla Melo, do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos (PPGDH/Ceam-UnB), retornou também nesse grupo e explicou em profundidade a relação algoritmos, racismo e tecnologias. A pesquisadora trouxe o debate sobre o protagonismo da população negra em geral, e dos jovens negros/as nas redes sociais. Abordou a atuação dos youtubers e influencers LGBTQIA+ e negros/as, e suas contribuições para ampliar perspectivas sobre a História do Brasil, tensionou as versões dos fatos históricos, e explicou como se constroem fakes no campo da(s) tecnologia(s). Ou seja, aprofundou-se o debate sobre algoritmos e diáspora digital.

Estas e outras reflexões complexas ganharam espaço em virtude do interesse dos e das jovens. Ato contínuo, a coordenação do Geppherg, providenciava pessoas especialistas para aprofundar o campo de interesse, sempre com pesquisadores/as negras/os, com vistas a fortalecer os laços de pertencimento racial, que à esta altura do projeto, já estavam bem estreitados.

Os resultados compilados pela Abpn, em seu Relatório final, não deixam dúvida dos impactos positivos do projeto na perspectiva dos Afrocientistas. Outra resposta muito importante é a percepção dos gestores e gestoras das Escolas beneficiadas; importante como feedback da nossa percepção enquanto coordenação acerca do trabalho realizado.

Na Figura abaixo consta a compilação das respostas, nacionalmente:

Figura 6: Percepção das/os Gestoras/es acerca do Impacto do Projeto na Cultura Escolar - 2ª Edição Afrocientista (2021)



Fonte: ABPN, 2022

Nota-se pela Figura 6, que a mudança de atitude dos Afrocientistas em termos de

posturas, posicionamentos e empoderamento é destacada como um dos fatores centrais do impacto do projeto, agregado ao amadurecimento nas falas sobre os problemas sociais e no fortalecimento com a comunidade escolar.

Muitos Afrocientistas relataram que o fato de estarem no projeto e ter uma bolsa, desencadeou uma respeitabilidade por parte dos colegas que não percebiam antes. Certamente, numa perspectiva ampla de cultura escolar, estas presenças mais qualificadas contribuem para os debates e para a melhoria das relações sociais, sem contar que debates polêmicos como racismo e sexismo, são temas que carecem de falas e intervenções qualificadas. Havendo jovens com estas informações e segurança atuando no espaço escolar, é compreensível este olhar favorável e de acolhimento ao nosso projeto.

Muitas professoras/es que não participaram diretamente da formação – normalmente, foram apenas uma educadora, profa Diene Tavares, – edições 1ª e 2ª; e um educador, prof. Guilherme Lemos, na 3ª edição – comentaram conosco sua surpresa em verificar que da timidez, vislumbraram o desabrochar de um pertencimento racial diferenciado, que trouxe alegria e outros movimentos de corpos e falas.

As evidências da Figura 6 vêm ao encontro destas nossas percepções e que nos fazem – enquanto Universidade Pública, seguir apesar da sobrecarga de trabalho, por entendermos que o Afrocientista é uma forma de nos reoxigenar e agirmos com responsabilidade social, impactando diretamente na vida da sofrida e desrespeitada da juventude negra, no DF.

Finalizando, sobre a 1ª e 2ª edição, temos a destacar que o interesse repentino dos/as estudantes por algum assunto – como, por exemplo, colorismo, racismo estrutural, algoritmos, foram temas incorporados às rodas de conversa, devido ao grande número de especialistas negros e negras, que compõem o Geppherg e o Neab-UnB. No geral, pode-se dizer que nas duas edições primeiras, o Afro se consolidou em fases: formação com a elaboração de Planos de Trabalhos, Diários de Bordo, Busca na Internet, Realização de Relatórios; e apresentações em eventos acadêmicos, bem como se desdobrou em aprendizagens para a vida escolar, e fora da escola.

Quanto à Terceira edição do Afrocientista em 2022, registram-se duas grandes mudanças, a primeira foi a inserção de outra coordenação, Profa Deborah Silva Santos, para responder pela UnB, se necessário, e a coordenação do Geppherg, atuando de forma adjunta, posto a saída para Licença pós-doutorado da líder do grupo e uma das autoras desse artigo; e a mudança radical do perfil das e dos estudantes.

A Escola escolhida passou a ser o IFB – Campus Planaltina, cidade do Distrito Federal, que se localiza a 57 km de Brasília, DF. Outra diferença, é que são estudantes do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária. Elementos que, a priori, não entendíamos como sendo um diferencial tão grande quanto se configurou ao longo do Projeto.

Consta como perfil do Técnico em Agropecuária:

Maneja, de forma sustentável, a fertilidade do solo e os recursos naturais. Planeja e executa projetos ligados a sistemas de irrigação e uso da água. Seleciona, produz e aplica insumos (sementes, fertilizantes, defensivos, pastagens, concentrados, sal mineral, medicamentos e vacinas). Desenvolve estratégias para reserva de alimentação animal e água. Realiza atividades de produção de sementes e mudas, transplante e plantio. Realiza colheita e pós colheita. Realiza trabalhos na área agroindustrial. Opera máquinas e equipamentos. Maneja animais por categoria e finalidade (criação, reprodução, alimentação e sanidade). Comercializa animais. Desenvolve atividade de gestão rural. Observa a legislação para produção e comercialização de produtos agropecuários, a legislação ambiental e os procedimentos de segurança no trabalho. Projeta instalações rurais. Realiza manejo integrado de pragas, doenças e plantas espontâneas. Realiza medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais. Planeja e efetua atividades de tratamentos culturais. (IFB, 2012, p.20)

Foram oito jovens desse Campus, e uma do IFB-Brasília. Sentimos a necessidade de trabalhar os conceitos básicos que envolvem termos como raça, preconceito racial, discriminação racial, racismo, mas que tinham demandas que nos exigiam conectar à sua lida com a terra, sua expertise. Até porque, a ideia que nós do Geppherg propomos é colocarmos o conhecimento acumulado na Universidade de Brasília à disposição da juventude negra, respondendo rapidamente com propostas pedagógicas que sejam significativas para as/os mesmas/os, de forma lúdica, competente e também responsável.

Assim, a principal dificuldade encontrada foi o fato de ser Ensino Médio Integrado, as/os jovens morarem na Escola durante a semana, só voltando para suas casas aos finais de semanas, aquelas/es que voltam, porque algumas pessoas permanecem. Outro fator que se soma a esse é a altíssima carga horária do curso, 3.600 horas. Esta foi a principal reclamação das/os estudantes, e que não podia ser solucionada pelo professor responsável na Escola.

Ou seja, tanto do ponto de vista conceitual quanto prático – falta de tempo, precisávamos manter o interesse da juventude. Temas muito distantes da realidade e de suas experiências acadêmicas não as atraíram. O coordenador local, professor Guilherme, percebeu esta dinâmica, e em diálogo com a coordenação convidaram dois pesquisadores

da UnB, com experiência e pesquisas em/sobre Quilombos. A partir destas falas houveram por parte das/os estudantes, o desejo de conhecer o Quilombo Mesquita, próximo a Brasília, localizado na Cidade Ocidental, em Goiás, e assim o fizemos. O pesquisador e quilombado Manoel Neres fez nos acompanhou na visita orientada ressaltando aspectos referentes aos conflitos territoriais e formas de subsistência, plantio, ancestralidade e cultura local (Alves, 2019, s.p.). Outra atividade que acrescentamos a esta turma, também após a palestra da pesquisadora convidada pelo professor responsável no IFB, foi uma Oficina de Escrita Criativa, desenvolvida pela recém doutora em Literatura pela UnB, Andressa Marques, também, professora da Seedf e membra do Geppherg.

Como conclusão, houve a participação em atividades da Semana Universitária da UnB e do Evento Sernegra, ambos incorporados às ações de extensão das duas instituições UnB e IFB¹³.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS TRÊS EDIÇÕES DO PROJETO AFROCIENTISTA

Apesar da metodologia interativa e aberta, que tentamos estabelecer com as parceiras e estudantes, dos resultados positivos de todos os processos, a despeito de suas singularidades, alguns compromissos com a ABPN e o Instituto Unibanco exigiam algumas contrapartidas: apresentação do Plano de Trabalho, cumprimento do cronograma, participação em reuniões e elaboração de Relatórios parciais e Finais, por parte do Geppherg, e, conseqüentemente, dos/as estudantes. Com esse Acordo, a coordenação do Geppherg junto com as escolas se esforçavam para que as atividades acontecessem semanalmente, que os Diários de Bordo fossem elaborados (registros das percepções dos estudantes sobre as ações semanais), que os/as estudantes participassem de eventos de iniciação científica, fosse na UnB, no IFB, no Cean. Conseguimos realizar estas ações, mas em meio às nossas ações diárias, e ainda com o grande desafio de tornar os cursos interessantes aos e as estudantes, para não se configurar em mais uma atividade pedagógica regular. Esse foi e sempre será um dos desafios impostos a si mesmo pelo

¹³ Acesso <https://www.youtube.com/channel/UC3IWgrGLT2D1ydZodmQZjpg/null>

Geppherg para a continuidade do Afrocientista.

A sobrecarga que incide sobre os professores e professoras da escola, parece, interferir na dedicação ao projeto, o que imputa ao Geppherg, uma responsabilidade maior para cumprir os Acordos descritos, o que complexo fica porque se trata de uma outra instituição, externa. Esse é um ponto que precisa ser incorporado nos debates para o envolvimento de mais parceiros e parceiras na Escola, ou pensar em alguma bolsa, ou contrapartida, para estimular maior participação da Escola parceira.

Um ponto muito positivo e causa primeira da participação dos e das alunas é com certeza a ajuda de custo em forma de bolsa, de R\$230,00. Trata-se de uma ajuda simbólica aos estudantes-afrocientistas, que faz a diferença. Nas três edições tivemos apenas uma desistência, e por motivos pessoais. A Bolsa é fundamental para a continuidade do projeto.

As taxas de bancadas, que na primeira edição foi de 4.000,00 reais, auxiliou nas camisetas, nos lanches e no auxílio aosicineiros/as, também eles/as estudantes da pós-UnB. Na edição 2ª e 3ª, o valor caiu para menos da metade, R\$ 1.500,00, não obstante os resultados notoriamente positivos do trabalho realizado e seu poder de abrangência. Com a redução, além das camisetas, e alimentação em atividades externas, o recurso foi usado para a construção de um site do Geppherg para divulgar as ações do Projeto e do Grupo, atividade inacabada, devido ter que contar com o trabalho de voluntárias, jovens negras, também da UnB, e a já mencionada jovem – ex-afrocientista que hoje faz Ciência da Computação, na UnB .

Além de todas as ações descritas, houve ainda a participação no projeto “Quintas Acadêmicas – Tecendo Redes Antirracistas”, em formato virtual que na edição de 2021, convidou para a Roda de Conversa, afrocientistas de Brasília, Acre e Maranhão, com transmissão virtual pelo Youtube. Houve também a participação no projeto “Diálogos Impertinentes”, realizado pelo Instituto Unibanco, e os encontros intitulados “Webnário Afrocientista” – que aconteceram em todas as edições, participações no Conecta IF, todos em formato de Roda de Conversa, ou apresentação de temas que julgaram importantes – a questão de gênero, racismo, debate de documentários como AMARElo, de Emicida; filme “Rio 40 graus¹⁴”, “Estrelas Além do Tempo”, entrevistas realizadas desde a elaboração das perguntas, sua realização e edição, foram ações desenvolvidas. A visita

¹⁴ Roteiro e direção de Nelson Pereira dos Santos. Ano 1955.



ao Quilombo Mesquita ocorrida em outubro de 2022, foi, certamente uma das experiências mais marcantes para os estudantes, Técnicos em Agropecuária.

Por fim, podemos dizer que superamos as nossas expectativas. Todo esse engajamento permitiu que as/os estudantes se sentissem mais motivados a se empenharem em participar de vestibulares, do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, e enxergassem a capacidade individual e coletiva de sonhar com um futuro diferente – fruto de uma mudança na própria autoestima, como são enfáticos em registrar. A partir dos conteúdos ministrados e da coletivização fraterna que se tornou o Projeto Afrocientista, que nunca foi fixo, mas construído e adaptado às demandas das turmas, muito são os relatos do quanto esta flexibilidade – sem perder a qualidade e cumprimento à risca dos prazos, gerou laços de afinidade e parte do projeto.

Finalizamos com o relato de uma estudante negra da 1ª edição, 2019 que retrata um pouco os sentimentos plantados e os aprendizados colhidos. A poesia nasce como resposta à nossa última pergunta, registramos um verso:

“O que é Afrocientista?”.
Trata-se de um relato “desabafo”.
O que é Afrocientista?
Que a falsidade diminua,
Que a sua intolerância aprenda o que é empatia,
Que a máscara e o véu que está nos seus olhos sejam arrancados”.(Maiara Augusta Araújo Soares, Afrocientista 1ª Ed.IFB)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPN. AMAURO, Nicéa Quintino; BENITE, Anna M. Canavarro (Org.). Projeto Afrocientista. 2018.

ABPN. SILVA, Thatianny A. de Lima; VALENTIM, Silvani. Santos. (Org). RELATÓRIO FINAL - PROJETO AFROCIENTISTA 2021. 2022

ALVES, Adeir Ferreira. Organização social no Quilombo Mesquita: trabalho, solidariedade e atuação das mulheres. 2019. 153 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. *Institui o Estatuto da Igualdade Racial*; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jul. 2010. Disponível em: < planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acessado em: 01 de dezembro de 2010.

_____. Lei nº 12.711, de 29 de Agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 29 de agosto de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acessado em 01 de dezembro de 2010.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> . Acessado em 01 de dezembro de 2010.

GARCIA-FILICE, Renísia C.; CARNAÚBA, Rayssa Araújo. Metodologias interativas na gestão de políticas: métodos combinados numa abordagem antissexista e antirracista. In *Tecendo Redes antirracistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GARCIA-FILICE, Renísia. C. ; PAZ, Cláudia Denis A. da. O artigo 26-a da LDB: entre avanços e recuos o espontaneísmo ainda opera no DF. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 8, n. 19, 2016, p. 97–120 p. 97–120. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/27>. Acessado em: 25 de junho de 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. Projeto Pedagógico do curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária. Brasília: IFB, 2012. Disponível EM: <www.ifb.edu.br/attachments/article/6007/CPLA%20-%20Técnico%20Integrado%20Agropecuária%202012.pdf> Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

OLIVA, A. R.; GARCIA-FILICE, R.C. Identidade em Construção Pluralidade Cultura, o Ensino de História Africana e a Educação Étnico-Racial Diálogos Necessários. In: MORAES, C. C. P; LISBOA, A. S; OLIVEIRA, L.F. Autores: Allysson Fernandes ... [et al.]. (Org.). *Educação para as relações Etnicorraciais*. 2ªed.Goiânia: FUNAPE, 2012, v. Único, p. 193-245.

Recebido em: 05/01/2023

Aprovado em: 15/03/2023